

DATAS COMEMORATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS, REFORÇO OU DESAFIO PARA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL?

Holidays in preschool and early years reinforcement or challenge for ethnic-racial diversity?

Fabiana Fernandes de Queiroz Dias¹

¹ Pós-graduanda em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Educação Infantil pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI. E-mail: fabianafqd@gmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é compreender de que forma o calendário comemorativo da Educação Infantil e dos Anos Iniciais de uma escola privada na Zona Oeste do Rio de Janeiro é organizado, a fim de compreender se tais datas cumprem o seu papel de serem contextualizadas às práticas sociais dos estudantes ou se apenas seguem um propósito de atender aos interesses dos responsáveis. Ainda com um aprofundamento na temática das relações étnico-raciais, será feito um recorte onde se abordará o Dia da Cultura Indígena e o Dia da Consciência Negra, com o intuito de refletir se o quantitativo de datas impede uma real compreensão dos dias citados, ou se ainda reforçam estereótipos servindo de manutenção da desigualdade no lugar de agregar diversidade ao ambiente escolar.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo será realizado com a abordagem qualitativa, através da pesquisa de campo, pois segundo Tozoni-Reis (2010), na Educação, a pesquisa qualitativa é importante por apresentar esforços teóricos e práticos modernos que não buscam somente descrever e explicar fenômenos, mas em entender e interpretar o homem e suas relações.

No momento em que a autora deste texto retornou à sala de aula desta vez no papel docente, o quantitativo de datas a se comemorar com os alunos foi espantoso, parte deste espanto se deve ao fato de perceber que grande parte destas datas eram trabalhadas de forma reduzida sem atingir o propósito de possibilitar a aprendizagem da criança e ampliar o seu repertório cultural ou até mesmo o seu desenvolvimento afinal, segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018):

[...] de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os **eixos estruturantes das práticas pedagógicas** dessa etapa da Educação Básica são as **interações** e a **brincadeira**, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

O que faz nascer o questionamento: não deveria a criança ser o foco de tais datas com o intuito de promover a assimilação e contextualização daquilo que ela mesmo muitas das vezes

sai carregando em seu corpo para demonstrar ao responsável o que foi comemorado naquele dia? Em alguns meses como o de Abril o calendário escolar é muito exaustivo pois como afirma Gomes e Monteiro (2016) “[...] são 69 datas comemorativas fixas no calendário brasileiro, (dentre eles feriados religiosos, cívicos, de lutas sociais e datas comerciais) fora as que são designadas por regiões.” O que resulta em professores vivendo em um constante malabarismo na busca de equilibrar conteúdo, diversidades cotidianas e datas comemorativas, a realidade se torna ainda mais exaustiva quando se tem projetos unificados para diversas unidades de uma rede escolar que abrigam em seu seio alunos com realidades totalmente diferente uma das outras. O presente artigo surge da inquietação: Dentro de uma prática permeada de atividades comemorativas engessadas, é possível trabalhar com eficácia as relações étnico-raciais? É certo que atualmente não é cabível escolher uma data em detrimento de outra, mas soa no mínimo incoerente que haja em um calendário escolar uma comemoração sobre o dia da árvore, seguido no dia posterior da comemoração do início da primavera, os dois sendo comemorados com lembrancinha, atividades no caderno, roupas e acessórios, enquanto o dia da Consciência Negra é comemorado com apenas uma atividade no caderno, que nem mesmo é conferida pelos gestores se foi elaborada ou não, mesmo que não olhemos para os aspectos das relações étnico-raciais, continua sendo incoerente trabalhar com tamanha festa uma estação do ano, sendo que todas contribuem para o funcionamento de um certo habitat. (GOMES E MONTEIRO 2016)

Entre alguns cidadãos não incorporados à prática docente, pode haver a ideia de que se o professor não consegue trabalhar a data de maneira eficaz, é porque ele não se organizou, ou foi por falta de vontade, mas a verdade é que muitas vezes o calendário está repleto de tantos eventos que a fim de atender as expectativas de gestores mediante tantas datas ao longo do ano, a promoção da diversidade étnico-racial dentro do contexto escolar, destina-se a ser somente mais uma data. Torna-se válido destacar ainda que, além do desgaste físico e psicológico dos docentes, a repetição de muitas comemorações ao longo da semana, geram agitação nas crianças, quebra de rotina – o que em uma realidade de sala de aula que cada vez mais tem presente alunos com TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade - e TEA – Transtorno do Espectro Autista - se torna um sofrimento para estes e ainda o impacto ambiental, já que muitas escolas ainda insistem no uso de EVA - Etileno Acetato de Vinila².

A criança como centro do currículo escolar

O artigo não busca erradicar as datas comemorativas do calendário escolar, mas sim busca trazer reflexões de como a escolarização das crianças seriam mais bem sucedidas se as datas trabalhadas fossem adequadas a realidade de mundo da criança, tendo esta como centro da aprendizagem e da própria comemoração no lugar de agradar a adultos. Sobre o currículo na Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares pontuam que este deve ser um “[...] conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.” (BRASIL, 2012, p.12). A partir desta visão onde cada criança tem uma visão de mundo, uma base, uma cultura que a constitui, como padronizar diferentes crianças de diferentes turmas e diferentes idades a se vestirem e realizarem o mesmo tipo de atividade? Como articular saberes se a data é planejada para ser entregue em vez de se considerar os interesses da criança?

No decorrer desta prática, o currículo inflexível faz com que a prática docente seja engessada, pois comumente o calendário escolar é entregue aos professores no começo do ano,

² Trata-se de um material emborrachado, bastante utilizado para produzir lembrancinhas e acessórios em Escolas, por ser um derivado de Petróleo não-degradável, correntes ambientalistas vêm questionando ao longo dos anos o uso deste material.

ou seja, o mesmo não foi elaborado por quem as cumprirá, não nasceu do âmago dos alunos e em boa parte das gestões de escolas particulares nem sequer há a flexibilidade de adequar as atividades à realidade de sua turma, o que coloca em pauta outra questão, a falta de aplicabilidade de uma Gestão Democrática tão idealizada nos cursos de Pedagogia, ainda que pela lei não seja obrigatória em instituições privadas, levar em conta as considerações dos professores e dos alunos no planejamento escolar é essencial para uma abordagem crítica na proposta pedagógica, pois:

Do ponto de vista pedagógico, considerando a riqueza de situações que podem ser vivenciadas com as crianças, o excesso de padronização e a necessidade de seguir as datas comemorativas acabam por empobrecer a prática da professora junto às mesmas. As ações educacionais tornam-se “naturalmente” repetitivas, mecânicas e sem a real interação com as curiosidades, gostos e encantamentos dos infantes. (PRUDÊNCIO, 2012, p. 11).

Aspectos legais das datas festivas atreladas as relações étnico-raciais

Hoje apesar de não poder se falar de uma igualdade nas relações étnico-raciais³, há na legislação um aparato que obriga a inserção da cultura africana e indígena nos currículos escolares o que contribui para que este não continue a ser uma ferramenta de desigualdade, Souza (2010) corrobora que os conhecimentos elencados para a construção dos currículos “são valores culturais específicos de cada grupo e no contexto da educação escolar, são mobilizados em função do projeto sociocultural que se pretende instituir de forma hegemônica” fazendo uma ligação das discriminações interiorizadas em nossas sociedades sendo reforçadas nos conteúdos não priorizados no cotidiano escolar.

A Cultura Indígena no âmbito escolar

O modo como as escolas vem tratando o dia do Cultura Indígena reforça o estereótipo do índio (termo que descaracteriza o indígena, tratando-o como um personagem) já entranhado na sociedade sobre isto Souza (2010) atesta:

“[...] invisibiliza o indígena no cenário contemporâneo. A construção genérica de uma figura estereotipada, reforçada nas práticas curriculares, por meio de sua veiculação em desenhos e pinturas[...] Apesar de ser protagonista, de fato e de direito, da formação da sociedade brasileira, a ideologia dominante vincula a imagem do indígena como se fosse participante de uma “pré-brasilidade”. (Souza apud Arruda, 2010)

A disseminação de tal conceito sobre a comunidade indígena é utilizada por muitos políticos como justificativa para a retirada de direitos deste povo o que contribui para o desmantelamento das comunidades ainda existentes. Sendo assim, embora hoje haja uma obrigatoriedade de se tratar o assunto na escola se faz urgente que cada vez mais a data da Cultura Indígena não seja um evento isolado, mas sim articulado com diversas práticas cotidianas ao longo do calendário escolar.

A Cultura Africana no âmbito escolar

³ Assim como DE OLIVEIRA E NASCIMENTO (2021) neste artigo utilizaremos o termo “étnico-racial”, com hífen, para tratar das identidades demarcadas nas noções de raça e etnia enquanto categorias sociológicas.

Igualmente a Cultura Africana não foi inserida nos currículos escolares por espontaneidade e benevolência advinda daqueles que gozam os privilégios de uma sociedade racista, os estudos sobre a África hoje estão em discussão dentro das salas de aula após muita pressão do movimento negro mediante o poder público. A igualdade como direito para pessoas negras em nossa sociedade tem como protagonistas as próprias pessoas negras envolvidas nas lutas antirracistas de nosso país:

[...] Com uma perspectiva revolucionária, de esquerda, lutando pela construção de uma nova sociedade, articulando “raça” e “classe” na luta contra o racismo, e por melhores condições de vida para a população negra, a criação do MNU tornou-se um marco na constituição do que chamamos de movimento negro contemporâneo, e teria inclusive sido o responsável pela difusão da expressão “movimento negro” [...] (PEREIRA, 2017)

Apesar de todo o protagonismo negro na luta de sua própria liberdade e igualdade como povo, nas escolas muitas vezes mesmo que atendendo a legislação e abordando a participação da cultura africana na formação de nosso país, esta muitas das vezes acontece colocando a princesa Isabel como protagonista, religião e costumes do povo negro como algo pejorativo, ignoram todos os percursos vivenciados pelos negros no período pós-abolição, onde lhes foi negado empregos dignos, educação de qualidade o que resultou em ações que ainda hoje tornam a vida de uma pessoa negra muito mais difícil que a de uma pessoa branca para alcançar um mesmo objetivo, e todas estas marcas históricas são vistas em diferentes camadas da nossa sociedade ainda hoje e vividas diariamente por pessoas negras principalmente vividas também por crianças negras nos contextos escolares.

Muitas das vezes na caminhada estudantil e acadêmica um aluno brasileiro só tem acesso a biografias, leituras, exposições e afins de pessoas negras na Universidade, o que se faz contraditório com as orientações legais para a educação brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muito mais que trabalhar mais uma vez a menina bonita do laço de fita, muito mais que colorir de marrom uma criança em uma folha no dia da Consciência Negra, se faz necessário vivenciar uma prática antirracista na sala de aula cotidianamente, esta luta se torna ainda mais urgente quando reparamos que as escolas particulares de porte médio e grande na Zona Oeste do Rio de Janeiro, crianças e até mesmo funcionários negros são inexistentes ou são a minoria. Trabalhar datas voltadas para valorização do negro de forma contundente muitas das vezes será a única maneira da criança negra em um espaço dominado por brancos não tender a invisibilidade (Hooks, 2019). O presente artigo não busca a utopia de imaginar que ao se tratar as datas comemorativas de maneira mais significativa de fato erradicaríamos rapidamente o racismo entranhado na nossa sociedade, o que se busca apresentar aqui é que o inchaço de datas a serem cumpridas dificultam que a escola seja um lugar de romper com a hegemonia dominante existente na crença popular, e que ali haja uma ruptura de pensamentos, confronto de culturas para que seja possível o nascimento da igualdade, é necessário trazer um novo olhar para a formação dos profissionais da educação com o intuito de interromper esta prática que vem sendo realizada de maneira não-reflexiva.

Indígenas, africanos e afro-brasileiros são tratados em sala de aula de forma estereotipada, pejorativa e discriminatória. O que traz uma urgência à reformulação do currículo escolar. Mediante tantas abordagens esclarecidas voltamos à questão central do presente artigo, como trabalhar para a diversidade étnico-racial se as crianças continuam a usar roupas simulando o

indígena nu, o cocar e as penas que mais o tratam como um folclore brasileiro? Porque não formular um projeto que identifique a pluralidade das comunidades indígenas, que abordem a contemporaneidade destes e que caminhem para erradicação do preconceito contra este povo no lugar de categorizá-los mais uma vez como um povo que não faz mais parte do Brasil atual.

Uma dupla dimensão caracteriza a educação multicultural: de um lado, a necessidade de promovermos a equidade educacional, valorizando as culturas dos alunos e colaborando para a superação do fracasso escolar. Por outro, a quebra de preconceitos contra aqueles percebidos como “diferentes”, de modo que se formem futuras gerações nos valores de respeito e apreciação à pluralidade cultural, e de desafio a discursos preconceituosos que constroem as diferenças. (CANEN E OLIVEIRA, 2002, p.63)

Da mesma forma se continuar a existir nos ambientes escolares a realização das atividades apenas para preenchimento de uma determinação do calendário escolar ou até mesmo a não realização de nenhuma atividade sobre relações étnico-raciais, sem que haja a inserção dos aspectos culturais indígenas e africanos com o intuito de possibilitar a transformação do currículo escolar não avançaremos um pouco mais, e faremos da diversidade uma falácia. (DE OLIVEIRA E NASCIMENTO, 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As unidades escolares compõem um elemento importante no meio social, com elas é garantida a construção da identidade de um indivíduo, e para isto é necessário que a educação provenha da articulação com a realidade étnica, cultural e social do educando, para que haja a construção da identidade com a valorização de si e o seu grupo de origem, bem como o respeito ao grupo que você não se identifica como pertencente. Ainda no contexto de diversidade cultural o reconhecimento dos negros e dos indígenas pelo Estado favorece a afirmação do pluralismo étnico, imprescindível para que se crie uma ideia adequada da importância das diferentes etnias e do respeito às suas diferenças. Esse artigo visou contribuir para a reflexão e melhor adaptação do currículo escolar de uma escola particular. Espera-se que pesquisas futuras possam aprofundar a temática de relações étnico-raciais em outros tipos de instituições de ensino, com o intuito de permear a diversidade o que contribui para a valorização de crianças negras e indígenas, bem como de outros grupos fora do padrão branco europeu e para estes o respeito às diferenças e o engajamento na luta antirracista.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CANEN, Ana; OLIVEIRA, Ângela M. A. de. **Multiculturalismo e currículo em ação**. Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez 2002 nº 21. 2002.

DE OLIVEIRA, Rosenilton Silva; NASCIMENTO, Leticia Abilio. “**Pedagogia do evento**”: o dia da consciência negra no contexto escolar. Campos-Revista de Antropologia, v. 22, n. 1, p. 135-158, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/74239>. Acesso em: 25 Mar 2022

- GOMES, Cindy Romualdo Souza; DE JESUS MONTEIRO, Karolina. As datas comemorativas na Educação Infantil: análise das práticas docentes. **Horizontes-Revista de Educação**, v. 4, n. 7, p. 152-173, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/5928/3207>. Acesso em: 18 Mar 2022
- HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Elefante Editora, 2019.
- PEREIRA, Amílcar. **O movimento negro brasileiro e a Lei 10.639/03: da criação aos desafios para a implementação**. Revista contemporânea de educação, v. 12, n. 23, p. 13-30, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/download/55809627/Movimento_negro_e_a_lei_10639_-_Revista_contemporanea_de_Educacao_-_Amilcar.pdf. Acesso em: 13 Mar 2022
- PRUDÊNCIO, Patrícia et al. **A precoce escolarização na educação infantil**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/130517>. Acesso em: 10 Mai 2022
- SOUZA, Marinês Viana de et al. **Entre Ajuricaba (s) e Zumbi (s): currículo e diversidade cultural a inclusão das temáticas culturais de matrizes indígenas e africanas na área de artes em escolas públicas da zona leste da cidade de São Paulo**. 2010.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. A pesquisa e a produção de conhecimentos. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de Formação: formação de professores. Educação, Cultura e Desenvolvimento**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 3, p.1-37, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>. Acesso em 3 de jun. 2021.